

# SUMÁRIO

<b>1 - INTRODUÇÃO</b> .....	<b>2</b>
1.1. PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS .....	3
1.2. NARRATIVA .....	4
<b>2 - O LIVRO DE GÊNESIS EM NARRATIVAS</b> .....	<b>5</b>
<b>3 - A HOMILÉTICA NARRATIVA</b> .....	<b>6</b>
3.1. PREGANDO AS NARRATIVAS.....	6
3.2. PORQUE HOMILÉTICA NARRATIVA?.....	7
3.3. PROCESSO HOMILÉTICO .....	8
3.4. DEFININDO O OBJETIVO .....	10
3.5. PROCESSO AVALIATÓRIO .....	11
3.6. APLICABILIDADE.....	12
<b>4 - HOMILÉTICA NARRATIVA EXEMPLIFICADA</b> .....	<b>14</b>
4.1. ÊXODO 3.1-15 .....	14
4.2. PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS DA NARRATIVA.....	15
4.3. RECONTAGEM DA NARRATIVA .....	16
4.4. OBJETIVO DE CONTAR A NARRATIVA.....	19
4.5. OUTRA RECONTAGEM DA NARRATIVA.....	19
4.6. EXEMPLOS DE HOMILÉTICA NARRATIVA.....	21
4.7. A CRIAÇÃO DO HOMEM (GÊNESIS 2.4B-3.24) .....	21
4.8. DESCONFIANÇA NA PROVISÃO DE DEUS (GÊNESIS 2.4B-3.24) .....	21
4.9. O PERDÃO DIFÍCIL (GÊNESIS 4.1-24) .....	23
4.10. A ESPERA DE ABRAÃO (GÊNESIS 12.1-2, 15.1-6, 16.1-5) .....	24
4.11. O GRANDE SACRIFÍCIO (GÊNESIS 22.1-19) .....	25
4.12. COMPROMISSO DA ALIANÇA (ÊXODO 19.3-8) .....	26
4.13. "TINHAM CARROS DE FERRO" (JOSUÉ 17.16-18, 23.1-16 E JUÍZES 1.19).....	27
4.14. A ESPADA DE GIDEÃO (JUÍZES 6.1-7.25) .....	29
4.15. CONFIANDO NA ACEITAÇÃO DE DEUS (RUTE).....	31
4.16. FÉ VERDADEIRA NA TERRA DE BAAL (1ª REIS 16.29-18.46).....	32
4.17. "ABRA OS SEUS OLHOS!" (2ª REIS 6.8-23).....	33
4.18. O ADVERSÁRIO DO JUSTO (JÓ).....	35
4.19. CRIATURAS DO ALTÍSSIMO (SALMO 8.1-9) .....	36
4.20. OUÇA O GAÚCHO! (ISAÍAS 6.8-10 E 46.8-13) .....	37
4.21. A MISSÃO DOS LAVRADORES (ÊXODO 19.3-8/MATEUS 21.33-46) .....	39
4.22. "QUE QUERES QUE EU TE FAÇA?" (MARCOS 10.35-52).....	40
4.23. A PÁScoa DA TRAIÇÃO (MARCOS 14-16).....	41
4.24. COMPARTILHANDO ESPERANÇA (1ª PEDRO).....	43

# 1 - INTRODUÇÃO

Procura-se ajudar o aluno a ter uma compreensão mais completa sobre os meios mais apropriados para a interpretação teológica da Bíblia, com o propósito de compartilhar as apreciações teológicas com outros. Para isso, procura-se primeiramente expor o aluno a certas orientações hermenêuticas através do resumo de pesquisas referentes às narrativas do livro de Gênesis, incluindo certas dúvidas, polêmicas e questionamentos, que têm sido levantadas por pesquisadores, através dos séculos até os dias atuais. Nem sempre essas linhas de pensamento serão de benefício pessoal para o aluno compreender o texto à mão. Às vezes, temas serão levantados apenas para lembrar ao aluno que se precisa manter uma mente aberta e um olhar cuidadoso para as várias possibilidades de interpretação textual, e assim aproximar-se da interpretação mais adequada de uma passagem. Quando há muitas dúvidas sobre um determinado assunto, isto implica que o aluno deve ter ainda mais cautela para chegar a uma decisão interpretativa final.

Após a etapa inicial do estudo do texto em padrões históricos, procura-se lidar com o texto em unidades narrativas como textos íntegros. Olhando para a narrativa individual como um todo, pretende-se indagar pela sua função teológica como unidade e no quadro maior do livro de Gênesis.

Intercalado com comentários sobre as narrativas individuais, encontra-se comentários mais gerais sobre informações que ajudarão a fornecer melhor base interpretativa para o Antigo Testamento como um todo. Estes comentários e orientações hermenêuticas se encontram intercaladas para mais rapidamente enxergar o seu relacionamento com as narrativas a serem estudadas, como também para criar melhores pontes entre esta teoria hermenêutica e a prática de interpretar o texto bíblico.

No seu estudo do texto, o aluno deve estar pronto para questionar e avaliar o que lhe tem sido transmitido referente aos textos estudados, averiguando a verdadeira mensagem bíblica. O que deve vir a ser questionado não é o texto bíblico, mas as conclusões recebidas referentes ao texto. O texto bíblico deve servir como a base essencial para o estudo teológico, e não as interpretações tradicionais do mesmo, incluindo as propostas incluídas neste documento. Isto não quer dizer que toda interpretação recebida deve ser ignorada, mas ao aluno cabe pelo menos questionar se as suas tradições interpretativas fazem jus ao texto. Caso contrário, as tradições interpretativas serviriam de autoridade—o que não se deve deixar acontecer. A autoridade é a Palavra de Deus, supremamente expressa na Bíblia<sup>3</sup>.

Não se espera que o aluno adote toda posição sugerida neste estudo teológico das narrativas. O próprio autor também encontra-se em processo de estudar e aprender mais sobre as narrativas, sempre avaliando os seus próprios posicionamentos sobre os assuntos tratados. À medida em que o autor continua a estudar, melhor compreende as narrativas e as suas lições teológicas. O que se espera do aluno é que seja introduzido a um diálogo crítico com o texto bíblico. O presente trabalho tem como proposta incentivar e facilitar esse diálogo.

A essência da educação teológica cristã (ou seja, discipulado), segundo a compreensão do autor, não visa tanto efetivar a transmissão de um conteúdo em si, mas a transformação da vida do aluno a uma dependência completa em Deus. Logo, a proposta e oração do autor é de que o aluno se encontre face a face com Deus no percurso deste estudo, para que Ele transforme os devidos aspectos de sua vida, criando para si uma nova criatura, um discípulo mais fiel e útil nas mãos do Criador.

Lembra-se ao aluno que ninguém chega ao texto bíblico com uma mente vazia, pois todos já ouviram algo referente ao texto bíblico e têm certas interpretações preconcebidas referente àquilo que encontrarão no texto bíblico. Como já se tem certos conceitos formados referente ao texto, é proveitoso saber definir quais são estas pressuposições do aluno. Identificando e definindo-os, pode-se com mais facilidade diferenciar entre aquilo que provém do texto bíblico e o que provém de outra fonte.

## 1.1. Pressupostos Teológicos

É essencial em todo esforço interpretativo bíblico estabelecer o ponto de partida do intérprete. Todo intérprete começa o seu estudo com certas premissas básicas e logo trabalha em cima das mesmas. É norma infeliz, porém, ignorar o ponto de partida, em parte por questão da dificuldade em descrever o mesmo. Como estes pressupostos informarão o processo deste estudo e certamente ajudarão a moldar os seus resultados finais, será de grande valia fazer o esforço para delimitar quais são. Uma mudança nos pressupostos pode modificar em muito o destino final do estudo. É possível que a maior dificuldade do intérprete seja reconhecer que há pressupostos que passam despercebidos aos seus olhos. A seguir estão alguns dos pressupostos com os quais se trabalhará:

1. O autor pressupõe que o enfoque bíblico é por natureza teológico e que a Bíblia deve ser lida dentro deste enfoque.
2. O texto bíblico é a fonte de autoridade para a fé e a prática (princípio essencial dos batistas).
3. Um texto deve ser lido dentro do seu próprio contexto, procurando sua mensagem contextual.
4. Somente depois de tratar o que um dado texto diz por si mesmo, deve-se comparar sua mensagem com a de outro texto.
5. O pano de fundo veterotestamentário deve ser visto como fundamental à compreensão do Novo Testamento, secundário em importância quanto alterações colocadas por Jesus.
6. Um texto de difícil compreensão não deve receber o peso teológico dado a um texto claro.
7. Em alguns casos, a interpretação exata do texto bíblico não ficará clara, mesmo com muito estudo detalhado.
8. O uso de comentários, dicionários e outros livros é de ajuda no estudo de uma passagem, porém deve sempre tomar lugar secundário no estudo do texto bíblico por si mesmo.
9. O tipo literário de uma passagem implica na sua interpretação apropriada.
10. Quando se encontra um texto que aparentemente não apóia um conceito teológico, o texto está sendo mal-interpretado, ou o conceito teológico deve ser reformulado até que esteja conforme com a mensagem bíblica.
11. A teologia é um estudo sempre em andamento, pois o homem é finito e não pode chegar a um ponto de compreender plenamente o infinito.
12. O texto bíblico apresenta a Deus muito mais através do que Deus faz, do que por meio de descrições abstratas e proposicionais.
13. Não se deve separar teologia do conceito de revelação, pois é somente pela auto-revelação de Deus que se pode conhecer a Deus.
14. Não se deve forçar um conceito neotestamentário sobre um texto qualquer que não apresenta o mesmo ensino.
15. Não se deve forçar um texto bíblico dentro de um molde teológico.
16. É importante lembrar que as traduções atuais da Bíblia estão, em geral, baseados em tradições das traduções primitivas de homens bem intencionados, mas que estavam apenas começando a estudar a Bíblia e, portanto, deve-se sempre que possível recorrer às línguas originais.
17. A fé é o aceitar um compromisso de confiar em Deus, mesmo quando não se conhece plenamente todo aspecto das exigências do compromisso, nem de antemão as respostas aos questionamentos teológicos.

18. As perguntas essenciais a serem feitas ao texto bíblico são “Quem é Deus?”, “Quem sou eu?” e “O que Deus quer comigo?”.

## 1.2. Narrativa

Neste documento será usado o termo “narrativa”, porém não pretende ser um uso técnico. O emprego do termo é feito no sentido de diferenciar a narrativa do conceito de história científica, ou seja, historiografia. Em lugar de história, encontra-se aqui “tradições preservadas nas liturgias ... [cujo propósito] foi o de confessar e assim incentivar a fé em Deus”. Em lugar de intencionar a escrita da história de Israel, o Antigo Testamento “dá testemunho da obra de Deus em estabelecer a nação. ... [Logo], cada evento apresentado pelos escritores bíblicos é usado com um propósito teológico”.

Por história, entende-se em geral um ramo de estudos científicos que procura, a partir de comprovação documental ou arqueológica do período, determinar com precisão a veracidade e os detalhes de eventos ocorridos no passado, apontando para causas, efeitos e resultados a longo prazo dos eventos estudados. A preocupação deste estudo, porém, é de lidar com as narrativas bíblicas dentro das intenções dos próprios autores que procuram narrar a ação de Deus. Para eles, as questões de relatar história são apenas de interesse secundário. Em consequência, neste estudo trabalhar-se-á com aquilo que as narrativas ensinam a respeito de Deus (Teologia: palavras/estudos sobre Deus), e não a respeito de eventos passados.

Deus se revelou através dos eventos de sua interação com o povo ao longo da história. É expressamente esta interação que as narrativas procuram ressaltar. Grande parte da Bíblia, em especial Gênesis e a primeira parte de Êxodo, utiliza a narrativa de forma quase ininterrupta para comunicar a sua mensagem. Para os escritores bíblicos, o essencial era articular os eventos revelacionais entre YHWH (hwhy) e o seu povo, não definir conceitos teológicos categóricos ou proposicionais. Teria sido quase impossível que Deus se revelasse em termos do seu caráter moral através de proclamações proposicionais oferecidas num único momento histórico. O homem não teria compreendido, nem aceito tal proclamação proposicional. Deus procurou revelar-se pouco a pouco, mostrando o seu caráter através dos seus feitos singulares na história. É essa revelação do caráter ético e moral de Deus que vem a ser o interesse teológico central das narrativas.

Assim, usando o termo “Narrativa” aqui, trata-se de algo diferente de história nos moldes do historiador moderno. Isto não quer dizer que as narrativas não têm a ver com história, pois certamente “narra um evento real que ocorreu uma vez por todas no mundo da história. Deve, então, ser tomado de forma séria ... deve ser ‘crído”’. As narrativas, porém, são mais precisamente narrativas teológicas, pois o seu enfoque é sempre Deus e o que Ele está revelando de si ao homem. Mesmo que o autor de uma passagem narre um evento histórico, o seu interesse é na situação do ouvinte original, não da época relatada.

Por outro lado, utiliza-se o termo narrativa para fazer distinção das chamadas “historinhas” ou “contos de fadas”. As narrativas bíblicas não são histórias neste sentido, mesmo que parábolas e outros gêneros literários parecidos são incluídos no texto bíblico. Existem trechos que podem ter sido escritos no estilo “conto de fadas”—especialmente a introdução e a conclusão do livro de Jó—mas isso não reduziria as passagens a ser um conto de fadas. Tais trechos teriam sido escritos no estilo mais apropriado para levar adiante um propósito teológico de peso real, num sentido semelhante ao caso do pregador que conta uma piada para ilustrar um ponto do sermão.

Respeito ao contexto e estilo literário é essencial na apreciação da mensagem da Bíblia. “Na pregação e no ensino responsável da Palavra de Deus, não se pode lançar uma Operação Tapa Buracos, pois faltará fundamento sólido. Não é lícito tampouco saquear nem a Bíblia nem livros sobre ela para extrair itens fracamente relacionados para um proveito rápido”. Até se deveria ler as passagens dentro do contexto do livro completo no qual se encontra, pois cada passagem serve para apoiar um ou mais temas do próprio livro no sentido de montar um posicionamento ou tratamento como um todo. Por causa disso, ressalta-se a importância de ler todo o livro bíblico em questão, e logo tratar passagens individuais em unidades narrativas, pois elas já compreendem em si vínculos contextuais